

**CHRISTOPHER MCCANDLESS E A NATUREZA SELVAGEM:
reflexões psicológicas****CHRISTOPHER MCCANDLESS AND THE WILD NATURE:
psychological reflections****Murilo Henrique Silva¹**

392

Resumo: O presente artigo realizou um estudo de caso do filme e do livro “Into the Wild”, estabelecendo um diálogo sob a luz da Psicologia, analisando a história de Christopher McCandless. Com esse objetivo, dedicou-se a uma apreciação do filme por meio de uma revisão bibliográfica das análises publicadas no campo da psicologia entre os anos de 2008 a 2020, sendo estas disponíveis nas bases de dados *digitais* e publicações impressas, as quais possibilitaram melhor compreender o tema em estudo. Através dos textos lidos, percebeu-se a possibilidade de estabelecer relação entre psicologia individual e coletiva, observando também, o sofrimento, a morte, as críticas sociais e as aventuras vividas por Christopher McCandless e como as vivências narradas apresentam experiências pessoais, familiares, seu contexto e as interferências no indivíduo.

Palavras-chave: Christopher Mccandless. Cinema. Arte. Psicologia

Abstract: This article carried out a case study of the film and the book “Into the Wild”, establishing a dialogue in the light of Psychology, analyzing the story of Christopher McCandless. With this objective, he dedicated himself to an appreciation of the film through a bibliographic review of the analyzes published in the field of psychology between the years 2008 to 2020, which are available in digital databases and printed publications, which made it possible to better understand the topic under study. Through the texts read, it was realized the possibility of establishing a relationship between individual and collective psychology, also observing the suffering, death, social criticism and adventures lived by Christopher McCandless and how the narrated experiences present personal, family experiences, his context and interferences in the individual.

Keywords: Christopher Mccandless. Movie theater. Art. Psychology

1 Introdução

¹ Bacharel em Psicologia pela Faculdade Pitágoras. E-mail. murilohobbit@gmail.com

Recebido em 27/05/2020
Aprovado em 30/07/2020

Este artigo apresenta resultados preliminares acerca de análises realizadas acerca do filme: “Na Natureza Selvagem”. Esta produção cinematográfica teve grande repercussão e também elogios no âmbito internacional. Consiste em um longa-metragem lançado em 2008, dirigido por Sean Penn, e com um elenco renomado. O filme foi uma adaptação da obra de autoria de Jon Krakauer escrita na década de 1990, com o mesmo título. Na língua inglesa, a obra é intitulada “Into the wild” e fundamenta em fatos reais.

A trama do filme se desenvolve contando a trajetória histórica de Christopher Mccandless, um jovem recém-formado de família economicamente bem estruturada, que rompeu com a vida que levava até então, doando suas economias para uma instituição de caridade, e desprovido de recursos financeiros optou por viajar pelos estados americanos, peregrinando por diversos locais entre os anos de 1990 a 1992, finalizando essa viagem no Alaska selvagem onde faleceu.

No decorrer da obra e do filme, logo no início de sua jornada, Christopher deixou de usar seu nome civil, e se autoneomeou: Alexander Supertramp (Superandarilho).

Nessa Jornada experimentou sérios riscos de vida, mas também, conheceu personagens marcantes que lhe possibilitaram compartilhar suas filosofias, as críticas à hipocrisia humana, ao capitalismo moderno, à superficialidade, à acumulação de capital. Realizando também trocas afetivas humanas. Entretanto, ele sempre partia quando o vínculo começava a ficar forte, e principalmente quando lhe lembrava o vínculo paterno.

Sua jornada se finalizou no Alasca, quando, devido ao degelo o Rio Teklanika e o aumento vertiginoso do seu leito, o jovem ficou ilhado e morreu. Seu corpo foi encontrado duas semanas após sua morte, já em estado de putrefação e pesando pouco mais de 30 quilos. As análises de sua morte revelaram envenenamento por sementes de swaisonina, que contém uma substância que impossibilita o corpo de transformar alimento em energia utilizável. Morreu sozinho, mas deixou várias reflexões, que foram abordadas tanto pelo livro, quanto pelo filme e artigos científicos publicados posteriormente

Justifica-se a relevância desse estudo em decorrência da rala produção teórica sobre o livro ou filme que se constitui no objeto do presente estudo, sendo esta obra uma riqueza de possibilidades de análises em diversos campos da psicologia e do comportamento humano.

2. Incursões e reflexões psicológicas

No campo da psicologia a princípio, foi possível encontrar uma análise utilizando a Psicologia Behaviorista de análise do comportamento publicado por Soares e Col. (2016), em

que foi feito um estudo de caso sobre a trajetória vivida por Supertramp com base nas contingências e nos comportamentos de fuga e esquiva. O estudo se deteve em verificar o histórico de vida de McCandless, seus comportamentos sobre o meio e as possíveis consequências dos mesmos, buscando compreender como as contingências foram presentes em sua história e como seu comportamento pode ser analisado com luz à teoria de Skinner.

Outro estudo catalogado, foi realizado utilizando a teoria sistêmica. SPANIOL (2018), defende que Chris não achava importante as relações interpessoais e que possuía provável ideação suicida. Foi citado o distanciamento emocional ocorrido após a descoberta do segredo familiar bígamo de seu pai. Feitas constatações sobre as relações conflituosas, as mentiras, segredos e histórico de violência familiar. A autora citou o retorno de Chris para casa, após a primeira grande viagem de carro que realizou pelo país, algum tempo antes de ter desaparecido, como já demonstrando, comportamentos desatentos com a própria segurança pessoal e ausência de autocuidado. Vale lembrar que nestas semanas em que ficou fora de casa, Chris perdeu 13 quilos, sendo que o mesmo já era magro.

Spaniol (2018), acredita que o rapaz, não se encaixava no processo "normal" de um jovem adulto que é lançado para fora de um sistema familiar. Segundo a Teoria Sistêmica, o estágio do ciclo vital em que encontrava sua família, quando ele se lançou na viagem que o levou à morte. Era o de "Lançamento do Jovem Adulto Solteiro". Neste processo o indivíduo sai da casa de seus progenitores, sem cortar vínculos ou fugir para nova relação emocional. É onde estabelece-se objetivos de vida e onde se torna um EU, antes de formar um novo sistema familiar. Nesse período, segundo sua análise, as relações se transformam de adulto/adulto, necessitando-se de um relacionamento respeitoso, apreciando os pais pelo que são, sem culpá-los e sem precisar transformá-los no que não são.

Esse dito "desenvolvimento adequado", para ocorrer necessita que o jovem adulto se diferencie da família de origem, estabelecendo novas relações emocionais e tendo autonomia financeira. A autora também defende o diagnóstico de Transtorno Oposicional Desafiante e Transtorno de Personalidade Esquizoide para McCandless.

Sobre a ideação suicida, ela complementa:

Kara Kalina e Kovadloff (1983), não podemos perceber o suicida apenas sendo o responsável do seu poder autodestrutivo. O suicida deve ser visto dentro de um social que se torna agente do ato suicida. Tanto o sujeito com tendência a autodestruição quanto os externos que o permeiam são responsáveis pelo suicídio. o ato de tirar a vida torna o suicida um rebelde que tem a capacidade de agredir o meio. Por vezes o autodestruitor não indica apenas que não aguentava mais, mas também expressa algo em nossa cultura

e sociedades atuais. (...) certamente, só podemos criar hipóteses de sua ideação suicida, mas através de seus atos, pode-se ao menos dizer que sua pulsão de morte inconsciente era perceptível (SPANIOL, 2018, p. 29).

Já para o blog “Jung na Prática”, a história de Christopher permite visualizar aspectos do inconsciente coletivo, presentes em arquétipos que perpassam sua trajetória. Para o autor, é possível verificar o simbólico paterno, que se estabelece no código moral, pela tradição, a ordem do mundo. Em suma, os valores estabelecidos que Chris fez questão de romper. Já quanto ao personagem principal é possível perceber o arquétipo do *puer*, da juventude eterna. Este arquétipo promoveria transformações das visões de mundo, trazendo movimento e buscando a renovação. A busca do mesmo, seria de superar o pai, sendo ousado e buscando muitas vezes se arriscar em atividades físicas perigosas. O último grande arquétipo nesta análise seria o da Natureza como Mãe, mas não somente uma mãe acolhedora e que nutre, mas também contendo um outro aspecto de mãe devoradora, selvagem. O autor conclui defendendo a hipótese de conciliação e oposição entre estes opostos, ação à qual Chris fracassou em sua jornada trágica. Percebe-se também que ele não compartilha o ideal romântico da natureza como figura acolhedora, como construção histórica. Acredita-se que o mesmo é fruto de um inconsciente coletivo.

Indo em direção de uma análise mais existencialista, Savioli & Lebedev, (2017), veem na trajetória do nosso analisando as perspectivas filosóficas existenciais dos conceitos de Absurdo, Tédio e Espanto. Para eles, o Absurdo está ligado ao suicídio, à falta de sentido da vida, a certeza da morte. Quando o homem passa a enxergar o Absurdo ele tem de escolher entre encurtar sua vida ou torná-la uma real experiência de aprendizado, oportunidades e relacionamentos. Em sua análise, Chris tomou consciência desse absurdo, ao visualizar a vida que seus pais planejaram para si. As expectativas que possuíam para sua vida, eram compostas de um roteiro ao qual ele já sabia o fim, uma vida ao qual valeria o suicídio, pois sua liberdade jazia por terra. McCandless, então rompeu com tudo isso, e lançou-se na busca por seus desejos vivendo uma vida de Espanto. O Espanto, estaria relacionado à esta questão do novo, à surpresa, à incerteza e falta de garantias. Todavia, o espanto um dia torna-se tédio, quando o homem se torna familiarizado a aquilo que um dia lhe pegou “desprevenido”. Nesse sentido, nosso personagem principal estaria sempre em busca deste “Espanto” em contraponto ao “Tédio” e jamais permitindo-se o retorno ao Absurdo.

É possível analisar essa declaração de independência junto com o que foi estudado a respeito de sua história, como a definição perfeita do que era a liberdade do absurdo para ele. Ele conseguiu viver sua vida a partir de suas

próprias regras, conseguiu quebrar a corrente da falsa ideia de liberdade com a qual vivemos. Podemos até interpretar a mudança de seu nome por Alexander Supertramp como uma passagem simbólica do seu eu interior, o Chris da sociedade falsamente civilizada, para o Alex da vida nova que abraça o absurdo com todas as suas forças e vive sua verdadeira e mais genuína liberdade. E assim, através de uma revolução interna, ele se desprende da chamada civilização que conhecemos e que o atormentava. Ele viveu seu absurdo e morreu por ele (SAVIOLI & LEBEDEV, 2017 p. 11).

Em outra análise psicológica mais filosófica e existencialista, Piauilino e Col. (2020), defendem que, devido às influências filosóficas com que cresceu, Chris foi criando aversão ao materialismo e ao consumismo. E quando se descobriu fruto de um relacionamento fora do matrimônio, suas relações familiares tornaram-se uma representação da hipocrisia que via nas relações sociais humanas. Ele deslocou sua raiva social para o núcleo pai/mãe. Ou seja, uma agressividade extrafamiliar para o intrafamiliar.

Defendendo a ideia de Apinhamento, que é a sensação de restrição de liberdade, de privação de espaço e de algo dentro do campo do não suportável, Chris lançou-se em sua jornada, para pensar a respeito do interior de sua alma. Buscando assim, a sensação de pureza que a natureza traz. Para Piauilino e Col. (2020), a busca de si, através da natureza feita por McCandless, além de representar um processo interno, buscava a fuga dessa sensação de Apinhamento que a vida em sociedade trás.

3 Reflexões e Análises

Buscou-se nesse subitem realizar um debate sobre as análises feitas e apresentadas até agora, sobre as possíveis motivações “pessoais” que proporcionaram a incógnita e irreverente história, que tem se mostrado cada vez mais como um novo mito moderno, o fenômeno “Na Natureza Selvagem”. Ao longo do texto, tentou-se ao máximo não afastar do olhar social e reduzir a psicologismo individualista aqui já criticado.

É necessário dizer que a trajetória, ou seja, a viagem e o fim trágico, parecem ser os guias principais para as análises e o determinante de muitos diagnósticos. Para o autor, elas perdem esse papel geocêntrico e passam a ser encaradas como um contexto não determinante do que Chris foi, mas sim como uma passagem, um momento em que estava enfrentando em sua vida. Momento este, que foi desencadeado por uma série de questões já debatidas até agora. Neste período, ele mostra também suas questões vinculativas, entretanto é preciso entendê-las dentro de determinado contexto.

Acredita-se que sua possível morte não se trata de uma intenção suicida proposital e simplista, nem seu módulo de se vincular, neste período específico de dois anos, como o determinante para a estruturação de sua personalidade. McCandless estava passando por um período de transformação, transição e mudanças, que possuiu um início, um meio e provavelmente um fim, que segundo os desejos conscientes do mesmo não terminariam naquele ônibus.

Calligaris (2000), já conceituou a adolescência como este momento de passagem, e Hook (2018) já destacou esta transição no nível simbólico da linguagem, à qual defenderemos sob outro ponto de vista.

Para a psicanálise, no entanto, segundo Minerbo (2013), a questão vinculativa é a referência para o diagnóstico diferencial. Através dela, utilizando-se da Escuta do Infantil, é que o analista, pode fazer psicanálise. Esta pesquisa, portanto, assim como todas as outras, possui grandes limitações, pois Chris não está no setting analítico, como um tradicional estudo de caso. Desta forma, tudo que tenta apreender-se sobre a história, trata-se de uma visão atravessada por terceiros e, muito susceptível às projeções de quem conta a história. Infelizmente diante disso, não é possível firmar uma análise concreta sobre o caso, apenas nos agarrar a indícios que sustentem nossas hipóteses.

Partindo dessa compreensão e analisando o histórico familiar, através das contribuições de Spaniol (2018) percebe-se como Christopher possui características que fazem parte de uma herança transgeracional. Utilizando-nos também dos conceitos apresentados defendidos por NEVES (2008), vê-se que Supertramp repete os comportamentos do pai, de afastar-se da família paterna, expressando também arrogância, teimosia e orgulho. Diferenciando-se completamente, no entanto do mesmo, na questão ideológica, como uma postura de oposição ao ideal paterno.

Interessante, perceber também, como ele procurou aproximar-se por meio da identificação, de outra figura de referência familiar, mas ainda mantendo o referencial simbólico paterno, que foi seu avô. Spaniol (2018) relembra que o avô materno de Chris, com quem passou parte da infância, morava no campo e possuía uma admiração pela natureza, sendo uma pessoa sonhadora que gostava muito de literatura e música e possuindo um “temperamento” orgulhoso e teimoso.

Todas as análises observadas até aqui, tanto no livro, no filme ou nos textos, apontam também o fato da descoberta, por parte de Chris, de que seu pai, Walt McCandless teve duas famílias durante um período de cinco anos e de ter omitido esta informação e de ter também,

praticado violência doméstica. A maioria dos testes apontam este fato, como tendo sido o desencadeador de toda a carga afetiva que motivou sua viagem.

Vale destacar que Krakauer (1998), fala desta descoberta, como uma mudança que colocou Chris na condição de filho bastardo, fruto de uma traição, do primeiro casamento de Walt, que durante seu período bigamo, teve filhos concomitantemente com ambas mulheres. Os segredos para Chris mostraram-se da ordem do não aceitável, como bem já sabemos. Defendemos, no entanto, que tal reação é relativa a uma questão simbólica já destacada por Hook (2018). No entanto, trata-se a nosso ver, de uma alteração da significação do próprio Chris, ele não era mais o filho legítimo, mas o filho bastardo, toda a carga simbólica que representava até então estava perdida, e ele adquirira uma nova diante da descoberta. Este lugar simbólico estava intrinsecamente ligado à sua autoimagem.

É essencial, no entanto, perceber que essa mudança simbólica representa, não uma questão particular para o personagem principal. Mas sim, uma reação à um conteúdo, que é herdeiro de uma construção histórico-cultural. O que é ser um filho bastardo? Esse lugar simbólico, presente na linguagem, é revelador de uma estrutura social e afasta qualquer análise individualista sobre Chris. Ou seja, essa mudança que colocou em xeque toda uma construção simbólica do próprio “Eu” foi afetada por uma questão que estava muito além da própria existência de Supertramp.

Analisando todo esse contexto cultural, os ideais sociais burgueses, a realidade dos sujeitos na complexidade das relações humanas e o desafio entre a realidade, a ilusão, os segredos, e os ideais, que mobilizou toda uma busca por nova significação, e afastamento de todos os valores pré-concebidos e de toda a sua fonte de sofrimento, a própria sociedade.

Ele precisou romper com toda essa carga psíquica de que passou a fazer parte, e com a qual não concordava, para construir um novo lugar simbólico. Freud (1938) defendeu que a influência parental, inclui sua operação na personalidade dos filhos, assim como a família, as tradições que são por eles transmitidas, e também as exigências sociais. Em outro momento Freud (1927) mostrou como no desenvolvimento infantil a criança toma seu pai como Ideal de Eu, por perceber nele a força necessária para sua proteção. Posteriormente esse papel simbólico de garantia contra o desamparo é transferido para outra figura paterna, no caso, Deus. Desta forma é possível apreender que a criança se identifica com o pai, e coloca-o como ideal do Eu, condição esta que será transformada nos períodos de desenvolvimento posteriores. De acordo com tal perspectiva, é possível perceber que as desavenças comuns e esperadas que Chris passasse, teve um elemento marcante muito forte que foi a descoberta de um novo campo simbólico para si, com o qual teria de romper. Interessante notar, no entanto que ele espera e

cumprir todo o procedimento social desejado pelos seus pais: filho estudioso e formado. Para no fim, quebrar todas as expectativas dos mesmos e expulsá-los de sua vida.

Acredita-se, este último fato, deve-se a uma questão punitiva por parte de Chris, não somente reproduzindo e punindo seus progenitores com segredos da mesma forma que fizeram consigo durante todo o seu desenvolvimento, como também criando toda uma rede de significação simbólica falsa.

McCandless prosseguiu, então, criando para si uma nova identidade. Ele agora, era o “Super Andarilho”. Romper com o Nome-do-Pai; por mais que este estudo não parta de uma perspectiva lacaniana; é visto então, como uma ruptura de tudo o que Christopher McCandless significava. Ele precisava construir o novo, e para isso, o caminho mais óbvio era o da negação a tudo o que seus progenitores acreditavam.

Nietzsche (1885), fala simbolicamente das três transformações do espírito, sendo elas, a do camelo, leão e criança. Utilizando-se desta metáfora Christopher estava no campo simbólico saindo do estado de camelo, onde carregava toda a carga posta sobre seus ombros e traga por sua família. E, assumindo a posição do leão, disse o “Não” para tudo aquilo, trazendo a possibilidade de criar o novo, um novo significado simbólico, um novo Chris. Esse novo significado simbólico, tem a ver também com a sua reconciliação e ressignificação de sua herança familiar.

Sobre esta possível conciliação e renovação, encontra-se evidências pelo fato de no final de sua jornada, ele ter voltado a assumir o nome de sua família, abandonando seu Pseudônimo, e ter sublinhado o escrito: “Felicidade só é real quando compartilhada”. Ou seja, ele não mais seria aquele conteúdo simbólico herdado, nem um vagante solitário, pois construíra sua própria significação. Para isso foi necessário um período de elaboração psíquica, que foi o tempo de sua jornada.

Interessante perceber também, que ao negar as identificações com seu próprio pai, ele identifica-se com uma figura paterna substitutiva, seu avô paterno, lendo bastante, vivendo da natureza e para a natureza, caçando, vivendo e reproduzindo em muito o ideal que possuía através dessa figura substitutiva, o que mostra que Chris não rompeu, nem negou seus laços paternos, e o Nome-do-Pai, ele antes, troca a figura paterna de sua referência.

Discorda-se, portanto, de Piaulino e col. (2020), que consideram que a raiva social é traga para o núcleo pai/mãe nesta história. Compreende-se que as questões sociais são atravessadas tanto por internalizações, quanto por atuação dos seres no contexto social. É uma relação dialética e o contexto agressivo com que as reflexões sociais aparecem na obra, resultam de uma frustração por parte do personagem com base nos ideais sociais e culturais que eram

representados na figura dos pais e na falência desse ideal, assim, como a percepção recíproca das mazelas sociais.

A revolta com a família, com as expectativas sociais, com o ideal burguês é sintoma aparente de todo o mal-estar produzido pelo ideal social esperado e que não condiz com a realidade encontrada, nas pessoas reais. O que traz o questionamento se as aspirações concebidas culturalmente não deveriam estar mais próximas de nossa constituição humana. Freud (1913) já mostrou como os tabus e as regras morais vêm para barrar o desejo, mas esta história analisada não seria já motivo o bastante para questionar muitos deles que ainda estão firmes e consolidados ainda nos dias atuais?

O ideal estético social está longe de ser o que a família McCandless, ou qualquer outra família o é, e fez com que Chris movido tanto por pulsão de vida, como por pulsão de morte rompesse com esse ideal estético moderno, e colocasse o ideal estético natural em seu lugar.

Poderia ser visto então, esse movimento de busca do mito da Natureza Intocada como um movimento regressivo pulsional compensatório, de busca do útero acolhedor materno? Talvez sim, mas se Chris precisava renascer e promover sua revolução espiritual, precisaria de um útero, para nascer novamente no campo simbólico. Apesar disso, muitos são os que procuram esse útero acolhedor na natureza na atualidade, que como aqui já foi discutido, tem propiciado um movimento de insatisfação com o estado social humano. Sendo a natureza elegida culturalmente, como uma possível compensação para esse mal-estar, quantos não estão fazendo outros movimentos regressivos, não somente por este meio, mas por tantos outros?

De acordo com todas estas constatações, descarta-se a hipótese de possível ideação suicida. McCandless, pretendia voltar do Alasca, estava é claro ciente de todos os riscos que poderia correr, mas não pretendia morrer lá. Krakauer (1998) relembra como ele se barbeou e preparou-se para o retorno à civilização até se deparar com um rio em enchente e impossível de trespassar. Depois disso, deixou um recado de SOS quando percebeu a morte iminente, caso houvesse a improbabilidade de alguém passar por ali. As questões envolvendo sua morte, estão relacionadas a teoria da pulsão de morte, muito já citada nas análises e que nos debruçaremos a discutir no próximo capítulo.

Para finalizar, ainda defendemos a hipótese diagnóstico no campo da neurose, em contraponto a Hook (2018), devido ao fato de que como ele mesmo afirma, o diagnóstico psicanalítico se dá pela vinculação, e acredito que no seu caso houve uma projeção por parte de alguns sintomas que seu paciente possuía com alguns traços percebidos também em Chris. O próprio Hook, destaca alguns detalhes muito importantes que podem conduzir a outra hipótese.

Como por exemplo, a incapacidade de dar presentes ou de se inserir numa troca simbólica, representada pelo mesmo, entra em cheque quando Chris doa “Guerra e Paz” para um dos amigos que conheceu na jornada. A recusa da dívida simbólica mostra-se presente somente com os pais, ou com instituições, como a faculdade, talvez por ser um representativo social, das expectativas de seus pais. Se McCandless estava cumprindo protocolo, por que aceitaria uma honraria, que só geraria reconhecimento o qual não queria por parte de seus progenitores? Por que aceitaria um carro, sendo que já havia associado toda a carga que poderiam lhe trazer a um conteúdo sujo e corrupto? Uma distorção da natureza do verdadeiro homem? Assim como propagavam os autores que tanto lia. Outro ponto em desacordo seria a visão negativa de si. Em nenhum momento ou relato é possível perceber uma imagem negativa de Chris à cerca de si mesmo, pelo contrário essa imagem negativa está sempre associada ao pai, à família e à sociedade, frutos de um conflito que tanto perpassam o campo da neurose, quanto da psicose.

Da mesma forma, a negação do Nome-do-Pai, vista pelo mesmo autor como expressa pela substituição de seu nome por Supertramp, constituindo-se da negação desse lugar simbólico, cai por terra quando Chris no final da jornada ressume seu nome de família, apropriando-se novamente de sua estruturação simbólica.

A respeito do paralelo traçado sobre ambos pacientes, com relação à evitação das relações interpessoais. Ele mesmo se contradiz dizendo que Chris tinha relações fortes apesar de rápidas com as pessoas. Ele revisita a questão com Ron, e da negativa de Chris deixar-se ser adotado. O que para ele é a negativa desse aprofundamento das relações, é por nós interpretado como uma recusa de reassumir um relacionamento novamente típico paterno, onde Ron ao adotar Chris assumiria de fato um papel substituto de pai. Chris não queria um pai naquele momento, ele queria romper com tudo o que pais simbolizavam, e a cultura simbolizava, apesar de amar Ron. No entanto, ele não recusa e nem aceita o pedido, diz apenas que vai pensar após o retorno do Alasca. Além disso, o caráter evitativo, indica mais uma questão obsessiva em continuar em direção ao Alasca, de não se desviar do objeto de desejo, coisa que sabia que ocorreria caso deixasse-se envolver demais com as pessoas que conheceu. O corte era necessário, para o sintoma e para o desejo que o movia naquela época. Outro argumento que pesa a nosso favor, é o fato de que mesmo após partir, ele ter continuado a manter contato através de correspondência com as pessoas com quem teve maior troca afetiva, até sua última aventura. Ou seja, o caráter evitativo não ocorreu de fato, e se a questão do corte do contato físico ocorria quando estava se envolvendo muito, o mesmo não é verificado por suas cartas.

Considerações Finais

Este estudo não teve a pretensão de encerrar todos os possíveis diálogos entre a teoria psicanalítica e os conteúdos e acontecimentos presentes no filme, sendo ainda uma pesquisa em andamento, sendo as análises no campo da psicologia demasiadamente amplo e complexo, e propõe uma gama de interpretações e possíveis diálogos neste contexto artístico tão inesgotável, quanto a própria complexidade do sujeito social.

Sendo a pesquisa, fruto do olhar de outros teóricos que se debruçaram sobre o tema. Nesse sentido, o que se viu, interpretou e analisou deu-se a partir do olhar de outros. Produtores, roteiristas, escritores e depoimentos de pessoas que cruzaram o caminho de McCandless. Este ponto crucial tornou a análise mais complexa, ainda que não impossível para nós.

Contudo, vale ressaltar que este novo olhar sobre o filme e o livro, não põe um ponto final definitivo para o fenômeno Natureza Selvagem, mas sim torna-se mais uma contribuição científica sobre o tema. Um novo foco, que trocou o olhar patologizante e individualista, para um entendimento social, histórico e cultural sob o prisma psicanalítico. Além do mais, a aventura e a morte de Chris, passaram a não ser encarados mais como o ponto crucial para análise de sua existência e de sua estrutura psicológica, mas sim, entendida como um momento pelo qual ele estava enfrentando, onde a sintomática neurótica tornou-se muito expoente, não fosse por sua morte, talvez teriam mais análises menos focadas em sua viagem, e mais em sua existência e dinâmica psíquica.

Além destes fatores, esta pesquisa encontrou como resultados, as relações entre o sofrimento vivido por Supetramp em sua história de vida, e os sofrimentos sociais de nossa época. As críticas ao sistema patriarcal, à acumulação de capital, à cultura da aparência e do espetáculo, refletem problemas que não eram exclusivos da dinâmica familiar dos McCandless, mas sim de toda uma formação estrutural moderna presente e dominante nas relações interpessoais nos dias atuais. As questões de violência familiar, tanto da ordem física, quanto da psíquica, além das questões simbólicas sociais, do lugar de um filho bastardo; refletem uma herança histórica cultural, que associa a questão da masculinidade a uma ordem de poder fálica, além de uma cisão entre o ideal social e o real constitutivo familiar.

Referências

BLOG JUNG NA PRÁTICA: **Análise do filme: Na Natureza Selvagem.** Disponível em: <https://www.jungnapratica.com.br/natureza-selvagem> Acesso em: 20/05/2020

BLOG PSICOLOGIA RIBEIRÃO PRETO: **Reflexões sobre o filme Na Natureza Selvagem.** Disponível em: <https://www.ribeiraopretopsicologia.com.br/reflexoes-sobre-o-filme-na-natureza-selvagem/> Acesso em: 19/05/2020

BRUHNS, Heloisa. **O ecoturismo e o mito da natureza intocada.** Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 32, núm. 2, 2010, pp. 157-164. Universidade Estadual de Maringá.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, Bruno. **Psicanálise no Cinema.** Disponível em: <https://psicanalisenocinema.com/2015/01/22/livre-na-natureza-selvagem-e-elena/> Acesso em: 20/05/2020

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Natureza e Cultura na Psicanálise e no Ideário Ecológico:** Duas Perspectivas Sobre o Mal Estar na Cultura. *Naveg@mérica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas.* 2010, n. 5.

_____, Isabel Cristina de Moura. **Utopia e tragicidade:** um diálogo entre a psicanálise e o ideário ecológico sobre o mal-estar na cultura contemporânea. In: Matheus, Carlos Eduardo; Moraes, America Jacintha. (Org.). Educação Ambiental: momentos de reflexão. 1ed. São Carlos (SP): Rima Editora, 2012, v. 1, p. 154-162.

DINIZ, Rodrigo Correia. **O Dinheiro na teoria Psicanalítica.** 2011 (Paper)

FILIPPI, Andrea Senna Di; SADALA, Maria da Glória Schwab; LOURES, José Maurício Teixeira. **Neurose Obsessiva:** Da Teoria à Clínica. *Ágora* (Rio J.) vol.22 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2019 Epub Sep 23, 2019.

FREITAS, Rafael Fernandes de. **A subversão no cinema e a satisfação do telespectador.** Primeira Semana do Áudio Visual da UEG – SAL. Audiovisual: entre a comunicação e a arte. Universidade Estadual de Goiás – UEG.

FREUD, S. (1914a). **Recordar, repetir e elaborar.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____, Sigmund. **O Ego e o ID.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago V.19.

_____, Sigmund (1927). **O Futuro de uma Ilusão.** In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____, S. (1940 [1938]) **Esboço de psicanálise.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1924c) **A perda da realidade na neurose e na psicose.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____, (1919) **O Estranho**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.

_____, (1913) **Totem e Tabu**: Algumas concordâncias entre a vida Psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos. – Tradução de Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____, (1939[1938]) **O Esboço de psicanálise**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. V. 21.

_____, (1930) **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

_____, (1927) **O Futuro de Uma Ilusão**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago v. 21.

_____, (1921) **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. – Revisão técnica e prefácio de Edson Souza; ensaio biobibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

HOOK, Derek. **Melancholic psychosis** – A Lacanian approach. Psychoanalytic Dialogues, Routledge. 2018.

KRAKAUER, Jon. **Na Natureza Selvagem**. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário de psicanálise**/ Laplanche e Pontalis: sob a direção de Daniel Lagache: tradução Pedro Tamen. - 4ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MANEZE, Camila Aparecida Leves; PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo. **A viagem como experiência do encontro de si na figura do viajante independente**. Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies, vol. 5, n. 2, 2018, pp. 281 – 297

MENEZES, Lucianne Sant'Anna de. **Pânico**: efeito do desamparo na contemporaneidade. Um estudo psicanalítico. - São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2006. (Teses e dissertações)

_____, Lucianne Sant'Ana de. **Desamparo**. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (Coleção clínica psicanalítica/dirigida por Flávio Carvalho Ferraz). 1ª reimpressão da 1ª ed. De 2008.

MINERBO, Marion. **Neurose e não neurose**. - 2 ed. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. - (Coleção Clínica Psicanalítica/ dirigida por Flávio Carvalho Ferraz),

NEVES, Anamaria Silva. **Família no singular, história no plural**: a violência física de pais e mães contra filhos. Uberlândia, EDUFU, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. (1885) **Assim Falava Zaratustra: livro para toda gente e para ninguém**. Apêndices Elisabeth Foster-Nietzsche; tradução José Mendes de Souza; prefácio Geir Campos. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PAMPA, Arturo Gómez-; KAUS, Andrea. **Domesticando o mito da Natureza Selvagem**. Taming the wilderness myth. Bioscience, 42(4), 1992. Trad. de Dany Patarra.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIAUILINO, Ingrid Lopes Rodrigues; BEZERRA, Manoela Feitosa; PINHEIRO, Rafael de Souza; **A Busca de Si na Nautreza, Através da Obra na Natureza Selvagem**. Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 6, n. 1, p. 1- 13, jan./jun. 2020 ISSN eletrônico: 2447-6498

ROCHA, René Eberle. **Natureza e sociedade no pensamento de thoreau: do transcendentalismo ao ambientalismo**. Revista Espaço de Diálogo e Desconexão- REDD (E-ISSN: 1984-1736). Vol.10 N.1, 2018

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAVIOLI, Marina; LEBEDEV, Nádia. **Natureza Selvagem e o Existencialismo no Audiovisual**: um estudo a partir de Albert Camus e Vilém Flusser. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017

SILVA, P.; FREITAS, C. **Emoções e riscos nas práticas na natureza: uma revisão sistemática**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.1 p.221-230, jan. /Mar. 2010

SOARES, Paulo Guerra. et al. **Skinner vai ao cinema**. (Vol. 3) 1ª Ed. Organizado por Ana Karina Curado Rangel de Freitas e Michela Rodrigues Ribeiro. Brasília, Instituto Walden4, 2016.

SPANIOL, Kathleen da Cunha. **Na Natureza Selvagem**: Uma Análise do Livro sob a Ótica da Teoria Sistêmica. Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul 2018

VENTURA, F.; SARTORI, P.; GROHMANN, R. **“Na Natureza Selvagem”**: uma narrativa contra a subjetividade capitalística. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015